

AS MARCAS DO DISCURSO RELIGIOSO NO “SERMÃO DA SEXAGÉSIMA” DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Thiago Lauriti

Doutorando pela USP. Mestre pela USP, Professor - UNINOVE

Resumo: Neste artigo, buscou-se analisar o “Sermão da Sexagésima” de Padre Antonio Vieira, em sua organização pela perspectiva da Retórica Clássica, caracterizando o funcionamento do discurso religioso sob o viés da análise do discurso, partindo do conceito de tipologia discursiva, proposto por Orlandi (1983), com o objetivo de identificar as marcas do discurso de Vieira. Optou-se também por utilizar como fundamentação teórica, as teorias que se debruçam sobre o objeto da literatura, na esteira dos conceitos de Brandão (1989), Calvino (1994), Moisés (1990). Acredita-se que a leitura do sermão por essa perspectiva de análise possa ser um caminho para entendê-lo mais verticalmente.

Palavras-chave: Sermão da Sexagésima; Padre Antonio Vieira; discurso religioso; análise do discurso; seiscentismo.

Abstract: In this article, I attempted to analyze the "Sermon on the Sixty" Priest Antonio Vieira in your organization from the perspective of rhetoric classic, featuring the functioning of religious discourse under the bias of discourse analysis, based on the concept of discursive typology proposed by Orlandi (1983), in order to identify the brands Vieira's speech. It was decided also to use as a theoretical foundation, theories that focus on the object of literature, in the wake of concepts Brandão (1989), Calvin (1994), Moses (1990). It is believed that reading the sermon from that perspective analysis can be a way to understand it more vertically.

Keywords: Sermon on the Sixty ; priest Antonio Vieira; religious discourse ; discourse analysis; seiscentismo .

1. Introdução

A leitura do “Sermão da Sexagésima” faz ressoar as proposições de Ítalo Calvino, na obra *“Por que ler os clássicos”* que ao definir os livros clássicos, identifica-os como aqueles que quanto mais se pensa conhecê-los por ouvir dizer, quando de fato são lidos, mais se revelam novos, inesperados, inéditos. Trata-se de textos que *“chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura que atravessaram”*.⁷

De fato, a leitura e a análise da obra mais conhecida do Padre Antônio Vieira configura-se como uma tarefa instigante para quem se reserva a sorte de lê-la em condições de melhor apreciá-la. Quanto mais relê o “Sermão da Sexagésima”, mais o leitor se torna vítima do mistério e do fascínio em busca do entendimento da estrutura e do significado dessa escritura seiscentista.

Diante do trabalho árduo que é penetrar na complexidade do texto de Vieira, aceitou-se esse desafio (*“Decifra-me ou te devoro”*), consciente de que a obra literária sempre se reveste de um caráter enigmático e jamais é desvelada integralmente.

Logo de saída, tornou-se claro que o “Sermão da Sexagésima” apresenta uma macro estrutura racional, lógica, de caráter científico e utiliza uma abundância de figuras de Retórica, sustentando uma linguagem literária essencialmente marcada pelas características barrocas. Essa constatação impôs um primeiro dilema: embasar a análise com um referencial teórico oriundo da área literária ou buscar na Linguística, mais precisamente na Análise do Discurso, categorias que auxiliassem na compreensão do texto estudado?

Assim, optou-se por utilizar como fundamentação teórica não somente as teorias que se debruçam sobre o objeto da literatura, mas também as que tratam da linguagem e do discurso, já que os estudos atuais não admitem uma cisão entre língua e literatura.

Embora pretenda-se analisar o texto quanto à sua organização pela perspectiva da Retórica Clássica, o foco desta análise contemplará o funcionamento do discurso religioso, sob a óptica da análise do discurso proposta por Eni Puccinelli Orlandi (1983). Tomamos da tipologia proposta pela autora apenas as idéias pertinentes para

⁷ CALVINO, 1994, p. 07

cumprir o objetivo deste trabalho que é mais o de entender o discurso de Vieira do que explorá-lo como estrutura linguística.

Acredita-se que uma leitura do sermão sob o enfoque de algumas categorias da análise do discurso possa ser um caminho para entendê-lo mais profundamente, sob a perspectiva de uma tipologia discursiva.

2. O cenário histórico-cultural do “Sermão da Sexagésima”

No ano de 1608, em Lisboa, nasce Antônio Vieira, filho de Cristóvão Vieira Ravasco, escrivão público que veio para o Brasil com o filho, em 1615. O famoso autor sacro do século XVII estudou na Companhia de Jesus, ordenando-se em 1635, seduzido pelo trabalho missionário. Envolveu-se com problemas relacionados à defesa dos escravos, razão pela qual os jesuítas foram expulsos do Maranhão e do Pará. Pela facilidade com a oratória e a genialidade no púlpito torna-se embaixador de D. João IV, mas também envolve-se com a Inquisição. Lutou pela liberdade dos índios contra os colonizadores portugueses que queriam escravizá-los, conseguindo do rei a Lei de Liberdade dos Índios, o que provocou a ira dos opositores, sendo expulso do Maranhão com outros jesuítas. Vieira foi perseguido ainda outras vezes pela Inquisição, em consequência da defesa que fazia dos judeus e por sua crença sebastianista, isto é, sua crença na volta gloriosa de D. Sebastião, configurada na ressurreição de D. João que ele profetizava. Foi preso em 1667 pela Inquisição e libertado no ano seguinte, atingindo o apogeu como pregador e impressionando até o Papa que o livra das ações inquisitoriais.

O cenário histórico-cultural em que viveu foi marcado pelas contradições, quando após o brilho do Renascimento e das grandes descobertas, a Europa retoma o espírito medieval e Portugal declina na supremacia dos mares.

O “Sermão da Sexagésima”, objeto desta análise, é uma das obras mais conhecidas do Padre Antônio Vieira, tendo sido proferido em 1655, na Capela Real de Lisboa. O tema do texto é a reflexão sobre como é usada a palavra de Cristo pelos pregadores. O autor, entretanto, vai além do objetivo da catequese, adotando uma atitude crítica diante da palavra, incorporando a linguagem como um modo de ação social, já que o Sermão é utilizado como instrumento de ataque contra a outra facção do Barroco, liderada pelos chamados cultistas ou gongóricos.

Quando se fala em Sermão, neste artigo, o termo refere-se ao tipo de composição, situada no plano da Oratória cuja finalidade é atingir os fiéis para convencê-los de idéias de cunho religioso ou moral. Assim, constitui-se como um discurso que pode ser enquadrado numa tipologia. Parte-se para esta análise da proposta de Orlandi (1983) que faz a distinção entre texto e discurso e mostra sua constituição na tipologia que apresenta: discurso **lúdico**, **polêmico** e **autoritário**, incluindo o **discurso religioso** ou **teológico** neste último. Cabe-nos uma nova indagação: Caberia a estrutura do Sermão na tipologia proposta pela autora? Outra instigação refere-se à habilidade de Vieira com os *tropos* ou *figuras*. Como se organiza o mundo figurado de Vieira no Sermão da Sexagésima?

Antes de tentar responder às questões relativas à **forma** que nos impusemos como objetivo, cumpre tentar entender melhor também sua **substância**, entendida aqui como o aprofundamento do cenário das ideias do homem barroco que viveu em conflito consigo mesmo e com o seu mundo. Se por um lado Vieira utilizou uma organização estrutural lógica; por outro, retomou o espírito religioso que reinou na Idade Média, utilizando as técnicas de embelezamento da linguagem a serviço da Contrarreforma, sem abrir mão do cientificismo e do materialismo do século anterior, mas sentindo-se reprimido pela ânsia do seu lado espiritual, segundo Massaud Moisés (1992).

3. A substância do sermão: o ideário da reforma e contrarreforma

A reforma religiosa ocorreu no século XVI e consistiu em uma revolução cultural e espiritual, porto de passagem do Feudalismo para o Capitalismo. Houve uma ruptura com a unidade do cristianismo no ocidente que transformou a estrutura da igreja e a concepção de salvação.

O desenvolvimento da burguesia, as relações de produção capitalista e o fortalecimento do estado absolutista, bem como uma crise na igreja contribuíram para que a Reforma ocorresse. Os historiadores registram que a burguesia começou a perceber que o sistema feudal, centralizado nas mãos da Igreja, atrapalhava a sua ascensão. A Igreja defendia a ordem feudal e condenava as práticas capitalistas, ao mesmo tempo que acumulava riquezas e impunha impostos para diminuir o poder da burguesia mercantil.

Também aumentava o desprestígio dos papas em razão de seu comportamento moral: seus cargos eram vendidos; viviam mundanamente e, assim, não se constituíam como exemplos para os fiéis além da venda de indulgências: documentos que os papas assinavam absolvendo os pecadores.

Assim, o poder papal foi rejeitado quando o estado nacional absolutista fortaleceu-se. Esse poder real chocou-se com os interesses da Igreja. O próprio nacionalismo, fortalecido pelos reis como sustentação da monarquia, rejeitava a figura do papa que era considerado um estrangeiro e, portanto, não deveria se ocupar dos assuntos do reino.

Tanto o Renascimento quanto o Humanismo trouxeram individualismo, expansão do espírito crítico e valorização da vida terrena como marcas. Segundo os teóricos, a tradução de textos religiosos antigos favoreceram o surgimento de comparações entre os ensinamentos de Cristo e o comportamento do clero na época.

Por esses e outros problemas ou a Igreja transformava-se ou perderia seus fiéis. As duas coisas aconteceram. A necessidade de reformar a Igreja Católica torna-se, então, uma necessidade tanto para leigos quanto para padres, antes mesmo da Reforma Protestante.

De acordo com Moisés (1992), o avanço do Protestantismo fez com que a Igreja católica se reorganizasse, advindo daí a Contrarreforma, cuja principal manifestação foi o “Concílio de Trento” (1545-1563). Nele reafirmaram-se: as doutrinas católicas, a supremacia do papa, o celibato do clero e a hierarquia na Igreja, bem como foi incentivada a criação de novos seminários entre outras propostas. Também foram mantidos os sete sacramentos, o culto aos santos e à Virgem, a transubstanciação e a necessidade das obras de salvação. Foram mantidas as crenças católicas fundamentadas nas Sagradas Escrituras e na tradição da Igreja como única porta-voz da Bíblia. A Contrarreforma ocorreu mais fortemente em Portugal e a Inquisição foi utilizada para reprimir as heresias.

Em 1534, a Companhia de Jesus, criada por Inácio de Loyolla, funcionou como importante agente da Igreja Católica por sua rígida disciplina e sólida formação religiosa e os jesuítas lançaram-se ao trabalho missionário também na América, Ásia e

África, convertendo as populações ao Catolicismo. No Brasil, os padres jesuítas defenderam a causa indianista com o apoio do padre Antônio Vieira.

Entende-se, assim, por que o saber enciclopédico clássico desse autor sacro aparece tão marcado na estrutura de seus sermões, embora o barroquismo seja percebido na forma das figuras que utiliza em seu texto.

4. A organização textual do “Sermão da Sexagésima”

Antes de iniciar-se a análise do “Sermão da Sexagésima”, cabe lembrar que, de acordo com a estrutura da Retórica Clássica, os elementos básicos do discurso são: a) o *inventio* que engloba assuntos, lugares, técnicas de persuasão e de amplificação; b) o *dispositio* que se refere à organização das partes do discurso. Dentro desse aspecto encontram-se: o **exórdio** (ou introdução), na qual o orador declara o plano a seguir na análise do tema; a **narração** (ou desenvolvimento) em que se apresentam os prós e os contras da proposição e os exemplos que os ratificam e a **peroração** (ou conclusão) em que o orador fecha o seu discurso de forma a anular qualquer influência que o adversário já possa ter exercido no ouvinte; c) o *elocutio* refere-se à organização e escolha de palavras na frase; d) o *pronuntiatio* diz respeito à enunciação do discurso e, finalmente, o aspecto que se refere à e) *memória*.

Aplicando essas categorias ao texto estudado, observa-se que, de acordo com a estrutura aristotélica o tema do Sermão faz parte da *inventio*, entendendo-o como uma fonte de inspiração. Esse tema é extraído de uma passagem bíblica: “*Semen est verbum dei*” (S. Lucas, VIII) - “Semente é a palavra de Deus”, segundo Moisés (1992).

Pôde-se constatar, no texto analisado, a presença das cinco partes do discurso estabelecidas por Aristóteles, conforme o quadro abaixo:

AS CINCO PARTES DO DISCURSO DO “SERMÃO DA SEXAGÉSIMA” DE VIEIRA (1968)	
INVENTIO	Engloba a opção de Vieira por procedimentos estéticos como: o uso de indagações relativas ao tema para conseguir a atenção da plateia; o uso das citações evangélicas; o uso de analogias, metáforas e alegorias que permitem ao público visualizar melhor o conteúdo das ideias que são expostas.

DISPOSITIO	Divide-se em três partes que compõem o fundamento do discurso: 1) O exórdio compreende os capítulos I, II e parte do III até “Provo” (parágrafo 3º do capítulo III). Nele, Vieira expõe o plano do discurso, faz alusão ao Maranhão e estabelece as hipóteses que serão desenvolvidas; 2) A narração vai até o capítulo VII, sendo o espaço das argumentações e hipóteses que Vieira estabelece e da crítica severa ao estilo gongórico dos dominicanos “ <i>o estilo culto não é escuro, é negro e negro boçal e muito cerrado</i> ” (p.98, parágrafo 1º). Nessa etapa, Vieira vai ampliando sua argumentação até chegar a conclusão; 3) A conclusão inicia-se no capítulo IX até o final, quando retoma a parábola do trigo com que inicia o Sermão, fecha a argumentação e conclui: a palavra de Deus produz poucos frutos porque são pregadas palavras e não a palavra de Deus.
ELOCUTIO	Refere-se à estrutura interna do Sermão, à forma como ele é organizado para conquistar a atenção dos fiéis, abrangendo a forma de organização linguística do texto.
PRONUNTIATO	Refere-se à apresentação do Sermão no púlpito, isto é, à circunstância da voz e da expressão corporal que são utilizadas.
MEMÓRIA	Diz respeito à maneira como os conceitos se fixam na mente dos fiéis, corporificando uma série de estratégias e técnicas mnemônicas por meio do qual o orador conseguia memorizar seu próprio discurso.

Fonte: o autor

Explicitando melhor esse quadro, constata-se que o Sermão parte da ideia da não frutificação da semente que é a palavra de Deus. Vieira questiona por que razão, apesar de haver tantos exemplos de sucesso na arte de semear a palavra de Deus no passado, no momento do discurso os efeitos são ineficazes. No início do capítulo III, surgem suas hipóteses: a palavra de Deus para produzir frutos depende do pregador, do ouvinte e de Deus. O primeiro convence com a doutrina, o segundo com o entendimento e Deus com a graça. Sempre utilizando tríplexes elementos as hipóteses vão surgindo: “*olhos, espelhos e luz*”.⁸

⁸ VIEIRA, 1968, p.90.

Vieira estabelece um paralelo entre o pregador e o semeador, mostrando que aquele que prega com palavras é semeador apenas quando acompanha as palavras com obras: *“O pregar que é falar, faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão”*.⁹

Na argumentação sobre o estilo, Vieira defende que ele deve ser claro como as estrelas no céu e quanto à escolha do assunto, a comparação utilizada é com a árvore. Como ela o Sermão pode ter variedades de discurso, mas todos deverão nascer de uma só matéria, isto é, o assunto deve ser um só, divididos em partes (tronco, galhos, flores e frutos), questionados com hipóteses e discutidos com argumentos.

No desenvolvimento do Sermão, o autor analisa todas as argumentações para a sua hipótese central e apresenta uma primeira conclusão para as suas perguntas: a palavra de Deus não germina e a causa não é a circunstância da pessoa, do estilo, da matéria, da ciência ou da voz do pregador. A partir daí inicia a argumentação que leva à conclusão, retomando o tema *“A semente é a palavra de Deus”*. Defende a ideia de que a palavra de Deus não dá frutos porque os pregadores *“pregam as palavras de Deus, mas não a palavra de Deus”*, isto é, utilizam as palavras do Evangelho em proveito próprio, expondo ideias não apenas vinculadas à religião. É na conclusão que Vieira faz um ataque direto ao estilo e ao comportamento dos adversários.

5. Os tropos no “Sermão da Sexagésima”

O que chama atenção no “Sermão da Sexagésima”, além da rigorosa estruturação lógica e da rigidez do pensamento, é o jogo de conceitos. Vieira brinca com as palavras, imerso num labirinto de “figuras” que dão uma cor barroca ao texto.

Talvez a tendência de conciliar as visões opostas do homem Barroco gere um dualismo que pode ser considerada a causa da necessidade de utilizar os “tropos”. As oposições, as contradições e a tensão geradas pelo espírito cristão (teocentrismo) e pelo espírito renascentista marcado pelo racionalismo produzem a necessidade de criar antíteses (céu x terra, espírito x carne), metáforas, símiles, metonímias, alegorias e prosopopeias entre outras tantas figuras.

⁹*Id. ibid.*, p.93.

Percebe-se em todo texto múltiplas associações concretamente ligadas, o que dá ao Sermão um caráter imagético. É como se Deus falasse por metáforas para simbolizar as verdades eternas que pretende anunciar por meio de visões alegóricas para que o pregador as traduza para os fiéis, daí a larga utilização desses recursos estilístico.

Um traço estilístico marcante do texto é a **redundância**. Abundam as repetições, o que é previsível já que se trata de um discurso que pretende fixar um conceito no ouvinte para convencê-lo e convertê-lo. Por outro lado, é também abundante o uso de alegorias que obscurecem o sentido. Não deixa de ser mais uma contradição tão característica do Barroco. A necessidade de transformar a idéia abstrata em concreta para compreensão dos fiéis obriga o uso de metáforas e alegorias e, principalmente, o uso de paralelismos entre esses dois planos.

A grande frequência de repetições ao longo do sermão, com o objetivo garantir a compreensão, cria um ritmo cadenciado que facilita a fixação das palavras na mente do ouvinte como em: *“há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, alumiando”*.¹⁰

Predomina, no “Sermão da Sexagésima”, o **paralelismo** constituído por ideias antitéticas ou que se aproximam por semelhança, gerando as metáforas ou símiles, como por exemplo, em: *“... criaturas racionais como os homens; criaturas sensitivas como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis como as pedras; e não há mais”*.¹¹

Observa-se, ainda, a ocorrência de **personificações ou animismos**, como por exemplo: *“As vozes da harpa de Davi lançaram fora os demônios do corpo de Saul”*.¹² Também aparecem múltiplas gradações como em: *“A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves”*.¹³

Claro está que podem ser elencadas outras tantas figuras, tanto no campo da sintaxe (elipses, zeugmas, apóstrofes, epíforas, anáforas, entre outras), quanto no campo da

¹⁰ VIEIRA, 1968, p.90.

¹¹ *Id. Ibid.*, p.101.

¹² *Id. Ibid.*, p.93.

¹³ *Id. Ibid.*, p.92.

fonética (aliterações, assonâncias...), entretanto não constitui objeto deste trabalho elencar exaustivamente todas as *figuras* utilizadas por Vieira no texto sob análise, mas identificar os traços retóricos mais marcantes de sua oratória.

Pôde-se, assim, justificar a caracterização que Moisés (1992) e outros teóricos fazem da obra de Vieira, identificando-a como um discurso **conceptista** de expressão. O Sermão apresenta, portanto, uma concepção antitética que é predominante no decorrer do discurso e é por meio dessas contradições que as palavras das Escrituras são resgatadas e relacionadas com as questões da realidade da época.

6. A tipologia do discurso no “Sermão da Sexagésima”

Nesta parte da reflexão, parte-se do estudo de Orlandi (1983) que propõe uma tipologia do discurso dividindo-o em: polêmico, lúdico e autoritário. Essa classificação é derivada de dois conceitos centrais: a noção de **interação**, que incorpora a dimensão histórica e social da linguagem e a noção de **polissemia**, que enfoca a ideia de pluralidade de sentidos da linguagem.

Trata-se de uma classificação que não deve ser vista de forma estanque, mas em termos gradativos de **dominância**. Assim, dadas certas condições de produção, um discurso *“um estado do processo discursivo, é, por exemplo, predominantemente lúdico, polêmico ou autoritário”*¹⁴, lembrando que as formações discursivas são definidas pela sua relação com a formação ideológica.

Antes de proceder à análise, cabe ressaltar a distinção entre **texto** e **discurso** e sua função na constituição dessa tipologia proposta pela autora, que considera o **discurso** como um conceito teórico e metodológico e o **texto** como seu equivalente analítico. *“Na Análise do Discurso, o objeto da explicação é o discurso e a unidade de análise é o texto. E, como há uma relação necessária entre eles, as propriedades detectáveis do texto são aquelas que o constituem enquanto visto no discurso”*¹⁵.

Dessa forma, à luz da caracterização do discurso religioso proposto pela autora, pretende-se verificar se as marcas (organização do discurso) e as propriedades (relação com a exterioridade) desse discurso podem ser observadas no “Sermão da Sexagésima”.

¹⁴ORLANDI, 1983, p.206.

¹⁵*Id. ibid.*, p.204.

Tomando como referência exemplificativa apenas o **discursoreligioso**, exemplo de discurso autoritário, a autora defende que a propriedade desse tipo de discurso é a **não-reversibilidade** entre os planos temporal e espiritual. Como é a voz de Deus que se fala em seu representante (o pregador), não há autonomia desse representante em relação a sua voz: *“Sabeis, Cristão, a causa que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus”*.¹⁶

Nota-se, nesse fragmento, que no Sermão verdadeiro a voz de Deus se fala no pregador, no caso contrário, isto é, se o pregador falar as suas palavras, o **sermão-semente** não produzirá frutos. Vieira estabelece uma distinção entre o **pregar-falar** e o **pregar-semear** que não admite reversibilidade, cabe ao ouvinte apenas o papel de receptor da palavra de Deus que deve produzir nele modificações de comportamento (“gerar frutos”). Ocorre um desnivelamento fundamental entre **o locutor** (que é do plano espiritual); **o pregador** (que é porta-voz de Deus) e **o ouvinte** (que é o do plano temporal: os fiéis, os homens). Há uma desigualdade na relação entre esses interlocutores que pertencem a duas ordens de valor hierárquico totalmente diferentes. O locutor é Deus (imortal, eterno, infalível e todo-poderoso) e os ouvintes são humanos (mortais, efêmeros, falíveis). Deus, personificado na figura do pregador, domina os homens, há, portanto, uma **assimetria** que caracteriza a tendência para a não reversibilidade: os homens não podem ocupar o lugar do locutor, porque este é o lugar de Deus que fala na figura do pregador.

Vieira mostra alegoricamente as regras restritas do procedimento de apropriação da voz de Deus pelo pregador. Essa relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, por isso tantas citações em latim do texto bíblico. Em muitos fragmentos do Sermão, mantém-se a distância entre o que é dito por Deus e o dizer do homem. Como há uma grande separação entre a significação divina e a humana, utiliza-se a alegoria e todo um universo de “*tropos*” para diminuir essa obscuridade.

Quanto à **polissemia** que, segundo a autora, caracteriza também o discurso religioso (autoritário), percebe-se que também essa propriedade pode ser verificada nos Sermões, já que há sempre possibilidades de diferentes interpretações da palavra de Deus, por isso há necessidade do uso de redundâncias, de metáforas, de símiles, de

¹⁶ VIEIRA, 1968, p.94.

alegorias, para esclarecer os sentidos, dar concretude a eles e regular a significação adequada.

A interpretação da palavra de Deus é, portanto, regulada pelo pregador e tende a **monossemia**, por isso o uso de tantas figuras de linguagem. No Cristianismo, enquanto religião institucional, a **interpretação própria** é a da Igreja, o **texto próprio** é a Bíblia que é a revelação da palavra de Deus e o **sentido próprio** é aquele que é regulado pelo seu porta-voz - o pregador - que está **no lugar de** e não **em lugar próprio**. Ele fala no lugar de Deus, transmite suas palavras, representa-o legitimamente, mas não se confunde com ELE. Essa é a expressão fundamental da não reversibilidade.

Além das propriedades do discurso religioso discutidas acima, Orlandi (1983) aponta também as **marcas** desse tipo de discurso que se relacionam com a organização do texto. São citados: o uso de **antítese** figura que se relaciona com a dissimetria entre o temporal e o espiritual; o uso do **imperativo e do vocativo** que caracterizam a doutrinação; o uso de **metáforas** e **alegorias** que aparecem depois de explicitadas por paralelismos, indicando a leitura própria para as metáforas; as citações em latim que são traduzidas por perífrases extensas e explicativas e, principalmente, pela **intertextualidade**, definida pela autora como *“remissão de um texto a outros textos para que ele signifique”*.¹⁷ Nos Sermões, ocorre intertextualidade, porque ele se constitui como um discurso criado sobre outro discurso: o texto bíblico que é constantemente explicado pelo pregador.

Fica configurado, portanto, que a caracterização do discurso religioso como discurso autoritário proposto por Orlandi, tanto em relação às suas propriedades, quanto em relação aos traços característicos aparecem no “Sermão da Sexagésima” como era previsível, muito embora devam existir variações de marcas em discursos religiosos de diferentes religiões, diferentes práticas e diferentes cerimônias, entretanto mantém-se estável a propriedade que o define como discurso religioso.

Fica também configurada a possibilidade da utilização de conceitos, categorias e procedimentos analíticos oriundos da área linguística (em particular, da Análise do Discurso) na análise do texto literário, mostrando claramente a intersecção existente entre a língua e a literatura.

¹⁷ ORLANDI, 1983, p. 235.

7. Considerações finais

O “Sermão da Sexagésima” espelha a contradição do homem barroco que, embora lógico, faz grande uso das figuras para captar a realidade para a qual a linguagem se mostra resistente, já que a realidade é múltipla e feita por contrastes e semelhanças.

Um sermão de Vieira pode ser reconhecido entre outros que apresentam as mesmas propriedades pelas suas **marcas** que constroem o único, o reconhecível. Não são as “figuras” utilizadas como marcas que tornam reconhecíveis o seu Sermão, mas a maneira pela qual ele codifica sua linguagem pelo uso que faz delas. São as escolhas de Vieira, em todos os níveis, que o tornam particular. Ele se mostra paradoxal, quando ao criticar o excesso de estilo culto dos oradores de sua época, ele também não foge a esse defeito. Percebe-se no texto que não há uma mera busca por efeitos estéticos, encontram-se verdades que de algum modo tocam o ouvinte e que combinadas com a convicção que imprime ao discurso contribuem para tornar o ouvinte adepto ou contrário às suas idéias.

Existem, no “Sermão da Sexagésima”, as propriedades e marcas de outros discursos religiosos, entretanto o texto reflete todas as particularidades que caracterizam Vieira como um autêntico homem barroco que vivencia visões opostas, imerso em uma cultura cujos valores estão antagonizados pela estreita ligação entre o sacro e o político.

Desta forma, para concluir esta reflexão, retomam-se os próprios conselhos de Vieira, que no fragmento utilizado como epígrafe, aconselha o pregador a tomar uma só matéria e tentar defini-la, dividi-la, prová-la, declará-la e amplificá-la explicando causas e efeitos. E depois disto, profetiza Vieira, há de colher, concluir, persuadir e acabar.

Considerando esses conselhos, pertinentes também para o pesquisador, pretendeu-se definir, dividir e amplificar o “*Sermão da Sexagésima*” que foi o objeto de estudo eleito para esta reflexão. Resta-nos saber se o leitor foi persuadido e se há frutos a colher...

Referências

ARISTÓTELES. "Arte retórica". In: **Arte retórica e arte poética**. Trad. do francês Art rhétorique et art poétique. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, p.17-269, s.d.

BRANDÃO, R. O. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 27ª ed., São Paulo: Cultrix, 1992.

_____. **História da literatura brasileira: Origens, Barroco, Arcadismo**. 3ª ed., São Paulo, Cultrix, 1990.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIEIRA, A. **Os Sermões. Seleção com ensaio crítico de Jamil Almansur Haddad**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p.85-111.